

DO GOSTO DA SABEDORIA

À DESCOBERTA DO TERCEIRO OUVIDO

Testemunho
do Prof. F. X. Pina Prata.

*Adaptado da entrevista realizada e "recortada" por Célia Sales e Paulo Vitória**

"A solução do coração fala ao outro coração". Máxima que orienta o terapeuta e o professor. Máxima que, primeiro ainda, orienta o homem e o conduz na ultrapassagem do eu-pré-fabricado rumo ao seu núcleo incorruptível. O essencial invisível aos olhos. O essencial que é indizível e tem de ser dito. O essencial que só se testemunha... "Esse mundo do silêncio que, a ser revelado, tem de ser revelado pelo outro".

"O terceiro ouvido... compreendem?..."

O professor era o primeiro a surpreender-se. Os alunos testemunhavam. O gosto (testemunho) da sabedoria criava aqueles momentos. Religare. O professor e os alunos num corpo, numa unidade.

Essa experiência mágica sacralizou o homem para os alunos (e os alunos para o homem?). Com a distância do tempo, reduzimos outras distâncias e fomos à procura do testemunho do homem. E o homem com o dom de religare faz hoje mais sentido. Apesar do ponto final estar antes do fim.

Aqui está para degustar e que oiça quem for capaz...

*Agradecemos os comentários e sugestões de Ana Paula Apolónia e Eng^a Helena Simões, Dir. de Cena da Fund. Calouste Gulbenkian e Investigadora do Centro de Estudos de Teatro da JNICT.

(...)

- Crítica ...

- Gosto da crítica. Aprecio imenso a crítica. Às vezes a crítica fere-me, quando eu não a vejo! Mas na minha vida, tudo quanto foi crítica para mim, ajudou-me. A sua, a dos alunos, a dos colegas.

(...)

- Aplauso ...

- Eu tenho um amigo que me pediu para o ajudar numa festa. Era uma festa escolar. Pediu-me para a apresentar e eu disse que sim. Estava lá o Fernando Isidro, o actor, e ele no fim disse-me: "Você afinal dava um grande actor!"

Eu lembro-me na Faculdade um discurso sobre mim que me foi afixado na minha porta ... Não me recordo do conteúdo mas em que me era dito que eu tinha a mania que sabia tudo, que

além de mim não havia nada...

Apareceu depois no elevador uma frase, aliás duas frases contraditórias. Uma dizia "Mais Pina Prata" e outra "Menos Pina Prata". Não apaguei e aquilo andou para cima e para baixo no elevador. Mas isso bateu cá em mim nessa questão do aplauso.

Eu tenho uma mania que é perguntar "Compreendem?".

Eu gosto de ser entendido.

Ah, aplauso... Tenho dificuldade em responder. Eu penso que ninguém gosta de ser vilipendiado. Agora, não corro atrás do aplauso.

Eu costumo dizer que há duas coisas que não quero ser: se eu ganhasse uma fortuna não morreria milionário e não quero condecorações.

O grande mal, o grande inferno é a

peessoa falhar na sua existência. Nós somos em parte o conhecimento dos outros, como no filme de Papillon na prisão, mas somos também o que sabemos que fizemos ou não, se nos anulámos ou não.

Eu não queria anular a minha vida no essencial, aquilo que é a raiz funda; no eu que não está a vender. Se o reconhecimento na imagem de Ortega - vai nesse sentido, eu agarro mas não o procuro.

Eu sei que eu fujo das ocasiões que me foram dadas de estar na praça pública. Como sabê, eu fui Director do Planeamento. Portanto o Ministro chamava-me, eu falava com ele. Não me viram muitas vezes. Mandava, quanto possível, aqueles que trabalhavam comigo. E que hoje são aí nomes sonantes. Não vou dizê-los agora. Alguns mandei-os para a América... Estão em Ministros. Fui eu que os

mandei, ocasionalmente, até... Eu não quis continuar. (...) No entanto, tive ocasiões de aparecer. A televisão já existia... Havia muito trabalho a fazer.

Alguém me disse...

Luz debaixo de um alqueire.

Estou a dar uma imagem positiva de mim próprio. (...)

No meu livro de cheques há aqueles em que tenho direito a asneiras e esses já os gastei bastante...

Num sentido de espiritualidade que é a minha o que está ao meu alcance é o homem.

- Terapia.

- Há um aspecto de desafio que é: Eu creio que nós não fomos feitos para o sofrimento, não acredito...

Agora eventualmente...

No Hospital de Sta Cruz... Abriram-me o corpete...

Fujo dessas ocasiões, não as quero nem para mim nem para os outros.

Eu penso que a função do nosso trabalho é, pelo menos, aliviar.

E fico satisfeito quando vejo que houve um alívio que eu senti. Isto é aplauso?

Não vejo interesse nenhum em sofrer.

Safo-me sempre que posso. Não há nenhuma concepção que me diga que o sofrimento é necessário para mim.

No entanto há coisas que nos levam a isso.

Sim, no sentido em que ele bate-nos à porta e há uma forma de o viver.

Eu vejo que o essencial num terapeuta é aliviar. Aliviar situações em que ele também beneficie.

A pessoa tem rios de vida de que não tira partido.

Não penso que Deus nos pôs na Terra para sofrer. Esse Deus não existe. É inexistente. Pode ser o Deus de Bertrand Russel. Ele escreveu um livro sobre os motivos pelos quais não acredita em Deus... A fé que me resta é precisamente a fé dos que não têm fé (...) Eu sou muito ajudado por aqueles que me dizem: eu não vejo, porque eu também não vejo. No entanto há relâmpagos não sei se é a palavra

exacta que me vêm de outros lados. Lembro-me do livro de Jean Guiton do sonho que ele tem em que ele se atropela a si próprio com duas figuras contraditórias.

Esta imagem de contradição vem desta variedade que existe dentro de mim.

O Sartre diz que nós somos feitos para a morte - não acredito,

para o absurdo - também não.

Gosto da razão.!

(...)

E a maravilha que me foi dada foi este viver...

- Religare

- Tudo ao fim e ao cabo vem dar a uma dimensão que eu diria religiosa.

A minha forma de entendimento é sempre uma forma de "religare", por isso é que a sistémica me encanta, que é uma forma de apertar as coisas deixando-as ser como são, na sua diferença; e no entanto aceitar que há uma complexificação, que é esta variedade, estes matizes, estas cores todas; e aí retomo o tema da fertilidade, o tema da sexualidade. Afinal o corpo é o lugar de todos os acertos e de todos os desvios. Porque... Coitado do corpo! O que é feito pelo espírito!

Fala-se muito dos males do corpo. O corpo no sentido de fonte de todas as desgraças. Eu penso que o corpo é a fonte de todo o bem.

É o corpo. Mas este corpo na sua totalidade que me é dada. Que eu sinto.

- Vida

- Não sou de definições. Não dou definições.

Pego numa planta. O que é a vida?

Dizer o que é a vida...

Podia dar uma metáfora bonita. Dizer que é beleza mas eu vejo tanta coisa triste.

Esta multidão... Por exemplo, o que se passou no Iraque. Todos estes fogue-

tões que foram para lá lançados. Esses cordões de miséria humana por essa África fora. Há pouco estava com a minha neta e pensava "Meu Deus, esta está aqui acarinhada mas há tantas que não têm nada disto." Eu não posso ser feliz nesta felicidade em que excluo os outros. Há sempre uma certa amargura em mim.

Não se pode fazer uma vida independentemente daquilo que nos rodeia. É um isolamento.

A vida foi-nos dada. Aparecemos atirados num palco de repente. E agora? Que actores vamos ser? Eu podia ter feito uma vida inteiramente diferente, seguramente, se não tivesse acontecido o que aconteceu à vida de meu pai. Talvez neste momento estivesse a fazer a gestão das terras herdadas de meus avós, lá para os lados de Óbidos.

(...)

- Poesia e Música.

- Eu sempre me vi, quando escrevo, a fazer poesia. Quando escrevo, a minha frase rima de uma certa maneira. Eu não sou capaz de empregar os verbos de qualquer maneira. O sujeito, o verbo, o predicado e os adjectivos encontram-se numa configuração que saboreio. E que fazem com que aquilo seja a minha forma de escrever. Há música naquilo que escrevo. E é curioso que às vezes, quando canto em francês, quando invento coisas em francês a cantar, sai-me música diferente e o enxerto das palavras diferente. Porque cada língua tem a sua música.

Falou da questão do sofrimento. Há uma palavra:

Sacrifício - vem de "sacrum facere" - tornar "sacrum".

A perda do sentido do sagrado, deste nexos permanente do mundo conosco. Que é muito diferente do vocábulo da tristeza...

Como se vivessemos em parte um momento da perda deste sentido. Isto vem com a perda do que é sagrado.

Há uma certa astenia no viver. Os franceses aborrecem-se, dizia Baruck,

na década de 50. Há este tédio.

Da nossa convivência com aquilo que palpita.

Olhe, acho um piadão...

Eu procuro tornar interessante aquilo que faço.

A noção de tempo dos gregos.
Tempo privilegiado do Kairós.

Nós somos obrigados ao tempo do cronómetro.
Tempo somativo.
Campos de concentração.
Cronos.

Cabeleireiro.
(...)

Eu sou muito pontual. Mas é o tempo das intencionalidades.

Não gosto de me classificar como tipo.
Sei que gosto muito de saborear a vida.

- Escrever.

- Tempo de contemplação.

- Espiritualidade.

- As decisões fundas da minha vida têm a ver com diferentes dimensões. Falei de algumas e uma delas que falei permanentemente é a dimensão da espiritualidade. Não posso ir para um ofício, para uma profissão, para uma mulher em que isto seja, por assim dizer, secundário.

As decisões últimas nunca pode ser alguém de concreto, sendo no entanto todos. Nunca poderia tomar uma decisão que anulasse tudo o demais, só porque gosto de uma mulher. Não me era possível. Vamos lá a ver, mesmo na ordem do mais material, do mais acessível, o profissional: imaginem que por causa de uma mulher eu tinha que deixar toda a minha carreira de terapeuta, de ensino, etc. Eu creio que me anulava, não me era possível...

Amor.

- O Eu (pré-fabricado)

- Sabeis porque é que eu fui professor

na academia militar, não sabeis? Foi por uma razão muito simples. Foi porque me excluíram do concurso para professor catedrático. Isto não se deu na Universidade de Lisboa.

Soube nessa altura o que poderia ser o disparate de um homem de pegar numa pistola e dar cabo dos miolos do outro. Isso é possível. É um gesto inteiramente de loucura, que não se faz. E que vem de uma coisa simples. Por isso é que as pessoas se batem nos carros. São estes gestos em que uma pessoa vai atrás do Eu pré-fabricado que nós somos, que é o Eu Biológico a funcionar a 100 à hora. O Eu biológico que não é travado dá isto e nós somos fundamentalmente um Eu pré-fabricado.

E toda a dificuldade que eu tenho dentro da minha vida é fazer com que eu

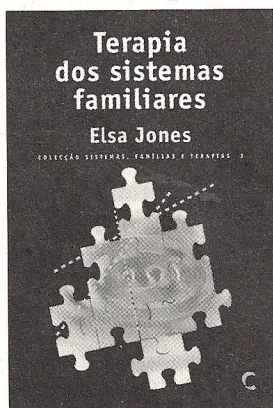
não seja pré-fabricado! Pré-fabricado pela minha mãe, pré-fabricado pela religião que me foi dada, pré-fabricado pelos lugares que ocupo, não quero ser pré-fabricado. É uma chatice, não é?



CLIMEPSI
Editores

COLEÇÃO SISTEMAS, FAMÍLIAS E TERAPIAS

Desconto de 10% para os sócios da Associação Portuguesa de Terapia Familiar nos livros da CLIMEPSI Editores



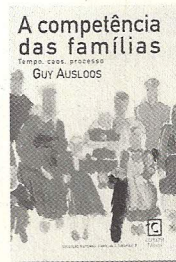
222 páginas
ISBN 972-8449-20-8

NOVO

TERAPIA DOS SISTEMAS FAMILIARES

Elsa Jones

«[...] Da pouco menos de uma dezena de livros escritos ou traduzidos em português sobre o tema, este parece-me particularmente útil por ser abrangente, actual, pragmático, sério, agradável e de fácil leitura. [...] Deveria ser considerado como livro obrigatório para quem trabalha com este tipo de problemática, ou seja, todos os que trabalham em ciências *softs* (suaves) e que têm consequentemente de lidar com problemas *hards* (duros).»
(José Manuel de Almeida Costa)



A COMPETÊNCIA DAS FAMÍLIAS

Guy Ausloos

171 páginas
ISBN 972-95908-8-5



TRATAMENTO DAS PERTURBAÇÕES FAMILIARES

Jean-Claude Benoit

187 páginas
ISBN 972-8449-01-1

INFORMAÇÕES Rua Pinheiro Chagas, 38, 1.º Dto. 1050-179 LISBOA Telefones (01) 353 69 83 / 4 Fax (01) 352 85 74 E-mail climepsi@mail.telepac.pt

Não quero ser pré-fabricado mas não quero ser um original, fazer coisas assim para os outros rirem, não quero ser palhaço. Sou capaz de fazer a palhaçada, mas ser palhaço no sentido negativo das coisas, não.

Sou muito marcado por este pré-fabricado. Porque de facto toda a minha vida foi pré-fabricada. Nasci numa família que foi o que foi, dá-se o desastre financeiro em minha casa, que me pré-fabricou de uma determinada maneira, toda a dificuldade do tempo de Guerra de minha mãe, para os sete filhos - veja, minha mãe, extraordinária esta mulher, não nos faltou nada em casa a poder de ela ir correr a Sacavém buscar géneros alimentícios que não faltavam à mesa. Portanto há um pré-fabricado permanentemente em que eu sou ajudado por outros.

E julgo que nós somos muito pré-fabricados. Dos lugares. Não sei se a imagem minha é real: eu tenho a tendência a destruir os lugares onde me sento, as cadeiras deixam de ser importantes, dou cabo delas instintivamente. Lembro de um gesto louco que eu fiz e de que ainda tenho vergonha hoje. No Congresso Europeu de Terapia Familiar e Comunitária. Estavam todos atrás da mesa, a Palazzoli estava lá, outros grandes nomes, o Helm Stierlin, todos lá, na parte final e houve alguém, um dos terapeutas que quis fazer palco, não vou agora dizer o nome. Ele quis fazer palco e naquele momento eu queria tudo menos palco. Queria que fosse um momento de encontro das pessoas e fiz um gesto inteiramente louco: Para fugir ao palco, convidei todos os que estavam na mesa a sentarem-se nos degraus do estrado da Aula Magna. Estraguei o teatro mas não quis entrar em teatro. Foi o momento máximo de encontro, foi aquele. Todos atrapalhados, eu próprio também. O que eu sei é que pus a Palazzoli sentada numa escada. Eu tenho feito esta pergunta e as pessoas dizem-me "não, você não devia ter feito isso". A Palazzoli de saias, assim, sentada naquele degrau pequenino ao lado do Pierre Fontaine. O Bevia, todos os que estavam lá dos graúdos, Stierlin, tudo sentado nos degraus.

O essencial tem a ver com tudo o que é o sentido do sagrado na minha vida: "Sacrum facere", fazer qualquer coisa que privilegie. Eu posso fazer de uma flor qualquer coisa de único, do meu casamento qualquer coisa de único, do meu encontro consigo qualquer coisa de único... mas isso exige gestos de sacrifício, de fazer coisas que não são fáceis.

- Sem sofrimento?

- Tire o sofrimento para fora porque é o gosto que invade, invade o gosto, não a amargura que se sente eventualmente.

Não quero ser idealista. Então não é doloroso virem-me às três da manhã dizerem-me que a minha filha mais nova não tem salvação possível? Eram três da manhã no Hospital de São José. Os rins já estão paralisados e tudo. E aí, posso dizer-vos o que é o fundo da minha relação. Não quero entrar muito dentro deste âmbito porque não queria estragá-lo mas sou impulsionado, nestes momentos, por ondas que são ondas de espírito. Porque se o humano diz que não é possível, aonde é que eu vou buscar a força se não ao espírito? E o espírito que é? O espírito entra na zona daquilo que é intocável, que não é visível, como diria Saint-Exupéry. Portanto tenho que ir buscar força ao que não é visível e no entanto está presente e isso muda o meu comportamento. Muda o meu comportamento como? Activando-o, tornando-o mais humano. Lembro-me que telefonei imediatamente a outro médico que fez com que fosse modificada a medicação, vejo-me ir com a minha filha, para outro hospital, e hoje, está viva. Portanto, momentos muito difíceis. Eu já passei por eles, sei que posso perder uma filha. E eu penso que a força vem do não visível. O visível diz "não, vai morrer", e eu digo "não vai morrer" e entra esse mundo da presença do invisível na nossa vida. Mas com ideias concretas, com nomes concretos e depois com gestos concretos. Não é de paragem.

Ao fim e ao cabo, a maior parte das pessoas não pensam, dizem umas coisas, não têm tempo de pensar. Pensar é articular toda a problemática que nos sai pela frente, portanto o cão, a andorinha, a mulher, a morte, tudo isto "religare". O Gabriel Marcel é um homem que pensa e "religa". Vou

buscar em geral homens que "religam". O Ortega Y Gasset, espantosamente um homem de religar - "a pedra à beira do caminho, para existir, precisa do mundo" - querem mais? Homo Viator, Gabriel Marcel, um outro "religador" de primeira classe. Outro que me apareceu, o Jean Guittou, da Academia Francesa, num género diferente, muito mais audaz, de uma audácia diferente do ponto de vista do que é o "sacrum", portanto, ao fim e ao cabo, vou dar nesta zona do sagrado, sou movimentado permanentemente para esta esfera última da vida. Senti o momento do desaparecimento da Tati (primeira mulher), senti o momento da minha filha, e são nesses momentos que o Eu pré-fabricado não funciona! Temos que vir à tona de nós próprios, naquilo que há ainda de nós próprios de resquícios, não biológico, que ainda não transformámos! e na maior parte do tempo não temos tempo de transformar, somos seres biológicos, corremos para a primeira cama, para a primeira mulher, para o primeiro desejo e depois, quando não chega, vamos comprar o Viagra. Não quer dizer que o Viagra não seja interessante. (...) Introduzir o Viagra, não sou contra, mas compreendem? Pode entrar-se na esfera, já, do consumismo que não é da relação.

São as razões últimas que me movem, embora esteja sempre a ser movido pelas razões ocasionais.

atitudes corajosas

Penso que ultimamente, a minha forma de reflexão é ao mesmo tempo muito contemplativa. Gosto muito quando não está ninguém aqui à noite...

(...)

Não posso herdar de qualquer maneira. Uma herança, para ser minha, tenho que a conquistar. E algumas não quero conquistar, algumas eu tenho que conquistar às avessas!

(...)

O religar tem sempre um lado estético, um lado da beleza que eu procuro. Era em Lovaina, é aqui em Lisboa: Vou sempre pelos caminhos, mesmo que mais longos, que me parecem mais

belos. Um dia, dou-me conta em Lovaina... Recordo-me que ia sempre pelo caminho mais longo e descobri que era porque tinha em frente a biblioteca maravilhosa da Universidade.

(...)

O belo e o "um" confundem-se.

Gosto do que é bom.

Gosto imenso de dançar, sabiam? Gosto imenso de dançar. Na universidade dançava e ainda hoje... Cheguei a ir dançar para o Bairro Alto com a Ana (actual mulher).

Eu penso que fujo muito do que é o lugar comum. Fujo muito deste eu pré-fabricado.

(...)

Academia Militar.
Catedrático.
Nomeação após o 25 Abril.
Catedrático do ISCTE.
Catedrático da Universidade de Lisboa.

(...)

- O terceiro ouvido
- Existe uma zona da realidade que exige o terceiro ouvido.
Eu penso que a dimensão do terceiro ouvido é a que temos em terapia.
Isso demora, é difícil de chegar.
Tem a ver com a emoção, com o nosso sistema límbico, com o hipocampo e a amígdala, onde são coloridas as nossas emoções, e que vai na linha dos trabalhos da inteligência emocional que nos mostra que há muitas formas de inteligência e que uma dessas formas é a inteligência da esperança e que se situa novamente nas últimas franjas da pessoa.

Eu não gosto de ser telecomandado.

Eu sinto-me sempre inacabado.

- Testemunho
- Aquela frase tão batida... que até a repito com vergonha:
O essencial é invisível aos olhos. O essencial é indizível e no entanto tem

de ser dito. Mas aqui aparece uma coisa que eu não falei que é o testemunho. Essas esferas do "Aletheia" esse mundo do silêncio a ser revelado, tem de ser revelado pelo outro. Então ele é testemunha da revelação, percebe? A entrada é pelos testemunhos. Se a vida é vista de fora então eu sou um espectáculo para o outro. Faço teatro. Se ele se torna testemunho comigo do que eu testemunhei então é diferente. Então percebe. Portanto a relação do testemunho é esta. Eu posso testemunhar certas ideias da minha vida mas é necessário que o outro seja testemunho, não que seja espião, que não venha ver através da fechadura, que seja testemunha. Ele testemunha um testemunho. Então há partilha.

- O Professor
- Sempre me atraiu a relação pedagógica porque é uma forma de dom, de semear. O que se tornou muitas vezes difícil porque para semear dentro da Faculdade é preciso ouvir. Se pudesse voltar agora atrás, ouvia talvez mais. Fiz isso no ISCTE. Era uma aula de 70 alunos em que eu ouvia. Ouvia e a aula era eu a ouvir. Havia respostas mas as respostas saíam conjuntamente com os outros. Na Faculdade não fui capaz de fazer isto. Porquê? Não sei talvez porque as aulas eram para mim um momento de criação.

Os alunos obrigavam-me a criar.
Uma pergunta despoletava-me toda uma aula.

Eu ficava perdido.

Ainda hoje em terapia.

Ainda hoje, vós.

Uma pergunta despoleta tudo...

Mas ao mesmo tempo ficava envergonhado.

A minha intenção era dar, não era fazer-me ouvir. Então dou, dou.

Eu estou jogado e dou através de uma pergunta.

Em terapia faço a mesma coisa. Ou então entro em zonas de silêncio. Tenho umas terapias últimas, que são silêncio, são zonas de silêncio; mas eu penso que isso, lá está... é necessário que o outro me permita o silêncio. Não sei...

Depois havia momentos de grande... de grande empatia, no sentido

grego, de "pathos". Em que eu sentia que os alunos me comunicavam, que estavam a viver, hipnotizavam-me. Eu ficava hipnotizado por eles. O que fazia com que a minha palavra fosse uma palavra que eles me levavam a dizer, e eu sentia que estava numa dimensão de tal movimento que o silêncio se fazia, embora falasse.

Então havia aquelas aulas em que eu me levantava, saía e ficava tudo sentado. Eu saía com um respeito enorme pois ia cheio de silêncio dentro daquela comunhão que se tinha feito, de repente, de um certo hipnotismo... Não lhe sei dizer. Esta palavra surgiu-me agora, nunca me tinha vindo. Vinha-me empatia. Não me veio neste momento. Veio-me mais o Erickson. O Erickson usava este silêncio que é hipnótico. Já falei de hipnose... Não sei se é a palavra exacta. A imagem que me vem é mais um jardim encantado. Mas senti isso muitas vezes. Esta paragem que, para mim, era quase da ordem do religioso, do religar. Religar no sentido filológico, num sentido pessoal, porque no outro não tem. É o religar. É a pedra. No sentido da unidade. Eu penso que no sentido pedagógico há esses momentos parmedianos: sentido da unidade, do corpo em que não há professor e não há aluno. Há um... não sei se a palavra existe... há um ser... Senti-me impressionado às vezes com isso. Não sei se tem vestígios desses momentos, que não foram muitos.

- Sim, tenho essa noção penso que próxima do que está a dizer mas associado - e não sei se o Prof. tem esse reflexo - a uma intangibilidade. A uma transcendência. Havia comunhão num estado irreal.

- O que me diz suscita em mim, e pela primeira vez, também, que há uma forma de lucidez que se faz nesses momentos e que há certas frases que tenho ouvido como "tomei esta decisão de uma forma muito lúcida"... Tenho um medo que me pelo das decisões lúcidas. Reporto-me a essa lucidez. Há, sim, uma lucidez pessoal. Sei que me sentia, ao sair, como que, não sei se a palavra exacta, um saborear - mas que se fosse muito longo era esgotante. Não pode demorar muito, só o momento do Kairós. Não pode durar muito porque

senão falsifica-se, perde-se, entra-se no jogo.

- Qual é o animal de que o professor gosta mais?

- (ri) Vêem-me muitos ao mesmo tempo. Vêem-me aves. Vêem-me peixes. Vêem-me diferentes ao mesmo tempo. Vem-me, neste momento, o esquilo. Vem-me a lebre, a forma como ela se levanta e fareja. A raposa... Mas o esquilo... Há uma que é mais figurativa para mim - não me encanta mas está mais dentro duma orla do mítico para mim - que é a rola. A rola é muito bonita. Neste momento, o esquilo. Tem graça, trepa, procura; e a lebre.

- Só um...

- Entre o esquilo e a lebre escolhia o esquilo.

A lebre, porque uma vez fiz uma caçada a cavalo e assisti ao galgo a correr atrás da lebre. Achei terrível. Naquelas lezírias do Alentejo. Os galgos já esfalfados. A lebre foge mas acaba por ser apanhada porque os galgos são muitos. Nesse sentido falei na lebre porque no fundo não quero ser corrido como uma lebre. Mas o pré-fabricado

leva-nos a isso a sermos corridos como lebres. Esfolam-nos e dão cabo de nós e atiram-nos fora e depois vem a cabeçada e a marretada. Pode ser na Política, pode ser numa Universidade. A lebre é mais uma imagem desse erro. Mas há o encanto daquela lebre que eu vi na casa da Tati. Eles têm uma herdade mesmo no centro de Antuérpia de onde do meu quarto as via. Essa é outra lebre. É uma lebre com um encanto... com aquelas orelhinhas no ar, tem uma percepção... Apreciei muito a mulher belga porque tem uma postura do norte e do sul - francês. A Tati tem uma mãe de expressão francesa e o pai de raiz flamenga. Tem um doseado peculiar. Não vou fazer considerações... A lebre talvez a escolhesse por este aspecto. O que é que ela tem... ela pára, o coelho também faz isso mas é diferente. Levanta a caudinha e vê-se aquele bocadinho branco é lebre. Ela pára e começa à escuta - tem a terceira orelha já estou a inventar... ela tem o terceiro ouvido tem uma escuta muito fina. O esquilo não conheço. O esquilo surpreende, é aquela procura, tenho a imagem do homem que procura, que

não está parado. A lebre não, pára e está na sua via reflexiva. Eu penso que se a lebre fosse esquilo, estava feita. Juntava aquele radar do esquilo, que tem a lebre, mas parada. O esquilo tem em movimento. Pronto chega?

- O animal que o Prof. gosta menos?

- Essa agora... a ratazana dos esgotos de Lisboa.

- Porquê?

- Viu como é que saem... Sai com aquela pelagem toda... Já o rato do campo é lindo com aqueles olhos vivinhos. A ratazana dos esgotos de Lisboa é a sujidade da vida posta num animal. É "dégoutant". É nojento. Aquilo vem tudo a gotejar da nojeira que anda por lá, que é necessário fazer passar. Agora vai sendo purificada, talvez... Não gosto da ratazana do esgoto de Lisboa.

- Qual é a pergunta que gostaria de ouvir da boca de Deus quando chegar à presença dele?

- Ouviste-me?